 ISBN: 978-85-87942-61-6

GT 033. Estudos em contextos africanos: desafios, limites e perspectivas

Andréa de Souza Lobo (Universidade de Brasília) - Coordenador/a, Josué Tomasini Castro (Universidade de Campinas) - Coordenador/a o emergente campo da Antropologia da ?frica a partir do Brasil tem, nos ?ltimos anos, atra?do um conjunto de pesquisadores e quest?es que se manifestam em projetos de pesquisa, publica?es e semin?rios que come?am a gerar um ac?mulo de reflex?es sobre o continente. A diversidade tem?tica e geogr?fica ? relativamente ampla, embora haja uma concentra??o de estudos nos e sobre os PALOP. Tal cen?rio torna cada vez mais premente a import?ncia de um di?logo qualificado sobre perspectivas, oportunidades, limites e desafios de um campo que passa a tomar express?o na antropologia feita no Brasil. O GT que propomos tem por objetivo reunir diferentes trabalhos desenvolvidos em contextos africanos promovendo a continuidade de um di?logo qualificado sobre pesquisas etnogr?ficas realizadas no e sobre o continente. Com esse objetivo, convidamos pesquisadores que abordem tem?ticas diversas, tais como o desenvolvimento; a coopera??o internacional; fluxos locais, regionais ou globais; din?micas familiares e de parentesco; mobilidade e din?mica social; g?nero e sexualidade; rela?es sul-sul; cultura popular; concep?es de cidadania, dos direitos, do Estado; dentre demais quest?es que, ao perpassarem os interesses de antrop?logos brasileiros, respondam aos in?meros desafios da pesquisa sobre e em contextos africanos.

A percepção das imagens sobre os Zulus na mídia sul-africana

Autoria: Thaise Oliveira Torres Monteiro, Juliana Braz Dias

Este work pretendeu verificar, por meio de análise de dez anos de charges publicadas no jornal semanal sul-africano Mail & Guardian (M&G) e entrevistas com público ligado a duas grandes universidades do país, a percepção da identidade racial representada em ilustrações do M&G. Três desses dez anos antecederam o período em que Jacob Zuma (JZ) esteve de fato no cargo de presidente. A escolha por esse recorte temporal ? que levou ao não abarcamento de todo o mandato Zuma ? justifica-se pela necessidade de contextualização. Envolvido em denúncias de corrupção e estupro, JZ é retratado por cartunistas do país, sendo Zapiro seu maior crítico neste campo. Optou-se por apresentar entre 15 e 18 charges para os entrevistados. Delas, uma porção significativa (13) é de Zapiro. Das restantes, 4 de Stephen Francis&Rico e uma de Dr. Jack. A prevalência de charges de Zapiro tem relação com a batalha judicial travada pelos dois, que foi tratada também como óbice à liberdade de imprensa. Esse entrave não foi objeto de estudo, mas é importante para a contextualização do objeto. Um destaque se dá ao icônico chuveirinho na cabeça de Zuma, sempre presente nas charges de Zapiro. Julgado por estupro, com muitas controvérsias foi inocentado. Dois dos argumentos utilizados por ele tiveram muito destaque nas notícias e potencial alcance no cenário internacional: primeiramente, ao ser acusado de estupro por Khwezi ? nome pelo qual ficou conhecida Fezekile Ntsukela Kuzwayo ?, uma ativista HIV positiva, JZ justificou a conjunção carnal com elementos da cultura Zulu, da qual faz parte. Os relatos do julgamento mostram que ele invoca argumentos dessa cultura. No entanto, o que levou à disseminação do icônico ?shower head? foi a resposta ?me lavei depois?, quando questionado sobre se o sexo sem proteção com uma mulher HIV positiva não levaria a alta chance de contaminação pelo HIV. Considerando a falta de respaldo dessa afirmação pela medicina contemporânea, Zuma passou a ser retratado caricatamente com o chuveiro sobre sua cabeça. É importante ressaltar que JZ era, no momento em que admitiu o sexo sem proteção, chefe do Conselho Nacional sobre a AIDS. A queixa contra Zuma foi formalizada em 2005 e o resultado do julgamento veio em 2006, o que gerou muitos editoriais e cartuns sobre o tema. O Lobolo, número de esposas, quantidade de filhos e indumentária Zulu aparecem

 ISBN: 978-85-87942-61-6

frequentemente ligados às representações do ex-presidente, ainda que não necessariamente façam parte da situação retratada nos cartuns. Durante as entrevistas, buscou-se identificar a percepção dos entrevistados sobre a representação ? ou não ? da cultura e identidade racial/cultural por meio de um indivíduo.

Trabalho completo

 ISBN: 978-85-87942-61-6

Boas Vindas

A Associação Brasileira de Antropologia e a Universidade de Brasília dão as boas-vindas aos participantes da 31ª Reunião Brasileira de Antropologia! O encontro será realizado entre 9 e 12 de dezembro deste ano e traz como temática geral “Direitos Humanos e Antropologia em Ação”.

O início da nossa RBA se fará em contexto que precederá não só o novo governo eleito, como a nova Legislatura. Sua realização em Brasília permitirá dar maior visibilidade aos debates e reflexões antropológicas sobre os Direitos Humanos no Brasil.

Teremos atravessado o ano eleitoral que terá adicionado maior tensão ao atual contexto político. Hoje, estamos diante da crise econômica, do aumento das forças conservadoras e do decréscimo substantivo dos recursos financeiros necessários ao desenvolvimento da ciência e tecnologia, em especial das ciências humanas.

A temática desta Reunião visa refletir sobre a atual situação e o futuro dos Direitos Fundamentais inscritos na Constituição de 1988. Estão em risco os direitos ao reconhecimento e à territorialidade de indígenas, quilombolas e povos tradicionais, e aos direitos ambientais.

Da mesma forma, o Congresso Nacional alcunhou o conceito de gênero , de “ideologia de gênero” e retirou do Plano Nacional de Educação 2014/2020 as referências a procedimentos e medidas educacionais que visavam combater a discriminação de gênero. Deixou-se assim a descoberto no Plano educacional, ganhos importantes das movimentações sociais feministas, das movimentações pelos direitos à diversidade sexual, e das movimentações sociais pelo combate ao racismo que, de forma múltipla e/ou compartilhada, estimulavam e consolidaram estudos da interseccionalidade de gênero, sexualidade, raça e classe.

Depois de vários anos, pela terceira vez, (a primeira em 1984, a segunda em 2000), a Reunião será realizada na Universidade de Brasília. De 2000 para cá expandiram-se os programas de pós-graduação, departamentos e unidades que incorporam antropólogos/as em seu corpo docente e que incorporam conhecimentos antropológicos no seu ensino. Em especial, expandiu-se a incorporação de estudantes indígenas e de estudantes negros/as, pardos/as e de estudantes advindos das escolas públicas, nos cursos de graduação e nos de pós-graduação.

Contaremos com o apoio, não somente das áreas onde se congregam tradicionalmente os antropólogos/as, mas também dessas múltiplas áreas de ensino que na UnB se expandiram pela nucleação de estudos que incorporam a Antropologia nas áreas de saúde coletiva, artes visuais, educação e nos estudos que se dedicam aos povos tradicionais e questões ambientais.

Contaremos com o apoio relevante do Departamento de Antropologia e do seu Programa de Pós-graduação em Antropologia Social (PPGAS) criado o Mestrado em 1972, e, em 1981, o doutorado. O PPGAS se orgulha em manter os níveis mais altos da avaliação da CAPES através da prontidão contínua de seus/suas docentes e discentes.

Teremos o apoio do Instituto de Ciências Sociais (ICS), e de seus/suas docentes e discentes. Congrega os Departamentos de Antropologia (DAN), Sociologia (SOL) e Estudos Latino- Americanos (ELA). O ICS é responsável pelo curso de Ciências Sociais e suas habilitações em Antropologia (Bacharelado), Sociologia (Bacharelado) e

 ISBN: 978-85-87942-61-6

Ciências Sociais (Licenciatura) e pelos Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados sobre as Américas.

Teremos também o apoio do Centro de Desenvolvimento Sustentável (CDS), que oferece o curso de Mestrado em Sustentabilidade junto aos Povos e Terras Tradicionais (MESPT); o apoio da área de Saúde Coletiva da Faculdade de Ceilândia (FCE); da Faculdade de Saúde Coletiva (FS); da Faculdade de Educação (FE); do Instituto de Artes (IDA)e o forte apoio da Reitoria e da Administração Superior da UnB.

Brasília é um dos espaços que mais abriga antropólogos e antropólogas que desenvolvem atividades profissionais em órgãos do Estado, em órgãos da Justiça e do Ministério Público e em organizações não governamentais. Esse cenário permitirá sua forte contribuição aos debates e a maior visibilidade da área.

E, por fim, Brasília cada vez mais se apresenta como uma cidade com importância turística, ambiental, qualidade de vida e relevância dos movimentos sociais.

Um grande abraço de Boas Vindas,

Lia Zanotta Machado - Presidenta da ABA
Diretoria da ABA 2017/2018
Comissão Organizadora da 31ª RBA

Realização: **Apoio:** **Organização:**